

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

EGÍDIO PANDOLFO/DIVULGAÇÃO/JC



Produção coletiva entre o escultor e joalheiro Cesar Cony (direita) e dez artesãos e artesãs da aldeia Tekoá Jataí'ty estará em tenda no Parque Farroupilha, com acesso gratuito

ARTES VISUAIS

UMA NOVA PERCEPÇÃO SOBRE AS CULTURAS INDÍGENAS

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

A partir deste sábado, uma exposição marcada pela originalidade de traçar um diálogo entre a joalheria desenvolvida pelo escultor Cesar Cony com a ancestralidade do artesanato Mbyá Guarani deverá chamar a atenção de quem circular pela avenida José Bonifácio, em Porto Alegre. Produzida pelo artista em parceria com artesãos e artesãs da aldeia Tekoá Jataí'ty, a mostra - intitulada *Mbyá Guarani, estamos aqui!* - poderá ser visitada gratuitamente todos os dias, das 9h às 17h, em uma tenda junto ao Monumento ao Expedicionário, no Parque Farroupilha (ou Parque da Redenção). O projeto é resultado de uma troca de vivências e de intervenção artística, realizadas pelo grupo ao longo dos últimos dez meses.

A exposição é composta por 35 obras, sendo 19 esculturas de animais feitas (pelos indígenas) com madeiras de erva-mate e corticeira, fibras de taquara, latão e ferro, e adornadas (pelo joalheiro) com pedras preciosas; uma escultura em bambu com detalhes em prata; e 15 joias de prata (algumas dessas, moldadas em galho de bambu) assinadas por Cony e inspiradas nas peças criadas pelos artesãos. Em uma interface entre memória e artes visuais, a mostra quer “despertar uma nova percepção sobre a

cultura dos povos indígenas”, conforme o artista. Ele lamenta que, ainda nos dias de hoje, esse tipo de artesanato não seja compreendido em “sua potência criativa e espiritual” fora do território da aldeia.

“A grande maioria das pessoas costuma ver os bichos em madeira criados pelo povo Guarani como meros suvenires”, avalia Cony. “No entanto, o artesanato Guarani representa a conexão entre natureza e espiritualidade, revelando uma crença e uma cadeia de sabedoria que ainda não foram assimiladas pela sociedade (urbanizada). Nesses objetos, cada animal representado tem um sentido espiritual que guia os indígenas”, explica. “A águia, por exemplo, significa coragem e força; a cobra é quem mostra o caminho (o cuidado de onde se vai pisar); a onça é guardiã da natureza e protetora dos espaços; a coruja é o mensageiro que avisa durante a noite; e o tamanduá aponta o território com o rabo em formato de árvore, mostra que a natureza é de paz.”

Residente no município de Farroupilha, o joalheiro e escultor nascido em Porto Alegre conta que se aproximou dos integrantes da aldeia Tekoá Jataí'ty a partir da interlocução de um amigo seu, o professor Gustavo da Conceição Andrade, que leciona na escola daquele povoado. Na terra indígena, localizada na zona rural de Viamão, Cony contou com o apoio do cacique

Cláudio Vherà mirim e a parceria dos artesãos Vherà guyra' (que teve forte envolvimento com o projeto e realizou as obras em madeira), Vherà mirim (autor das peças em taquara) e Karai Nheri (autor de um banquinho esculpido com imagem de animais), além do historiador e professor João Batanolli Karai Tupã (amigo dos Guaranis há mais de 20 anos, e que assina os textos explicativos da Mostra).

Além da escrita (em Guarany e português) que irá explanar cada uma das obras, a exposição possui recursos de acessibilidade. Cony destaca, ainda, que a Mostra promoverá visitas orientadas e táteis, mediante agendamento por email (milpalavras@milpalavras.net.br), além da visitação de escolas, que deve ser agendada em ludicaeducacao@linguagem@gmail.com.

“Uma das obras tem 3 metros”, diz Cony. “Fiz a escultura em ferro, toda recoberta com fibra de taquara - que é um material muito utilizado na cestaria Guarani”, observa. Outra obra é uma águia de quase um metro de altura, esculpida em madeira de erva-mate e espatulada a ferro quente, com olhos moldados em citrino, bico e crista de latão envernizado e pedras de zircônia no peito. Todas elas contam com aplicação de técnicas da joalheria.

Autodidata e atuante há mais de 40 anos, o joalheiro e escultor comenta que, em sua trajetória,

tem se dedicado a fundir, laminar e dar forma a metais nobres, gemas e materiais alternativos. Um de seus projetos, *Joias da imigração* (2018) reunia fragmentos de objetos produzidos por imigrantes italianos transformados em joias-esculturas.

Somando 185 pessoas (sendo 95 crianças), a aldeia Tekoá Jataí'ty tem mais de 50 anos, segundo o cacique Cláudio Vherà Mirim. O líder indígena de 28 anos conta que 34 famílias habitam o local, rico em fauna e flora. Trabalhando com povos originários pela primeira vez, Cony declara que o projeto foi além de uma parceria artístico-cultural.

“Me tocou profundamente a forma de vida deles. Eles respeitam as crianças (jamais pedem para uma delas levantar para um adul-

to sentar, por exemplo), são todos tranquilos e têm uma relação muito interessante com a natureza. No dia a dia deles, a preservação ao meio ambiente é uma verdade, e não apenas um discurso. Eles falam baixo, são muito espiritualizados; e vivem em paz e aceitação da realidade”, comenta o artista.

Além da *Mostra Mbyá Guarani, estamos aqui!*, o projeto ainda conta com outras duas ações no Parque da Redenção: no sábado, às 10h, o público poderá assistir a uma apresentação do coral de crianças e adultos da aldeia Tekoá Jataí'ty, enquanto em 19 de abril (Dia dos Povos Indígenas), no mesmo horário acontecerá uma roda de conversa com lideranças indígenas Guarani da Região Metropolitana.

EGÍDIO PANDOLFO/DIVULGAÇÃO/JC



Esculturas de animais em madeira são adornadas com pedras preciosas